

Número Especial Comemorativo
20 anos do Curso de Pedagogia da Cairu

Brincadeiras de rua e suas complexidades: Um estudo de caso no bairro dos Barris - Centro Salvador/Ba

Ester Matos¹

Mariana Sena²

Marialda Fonseca Pinho³

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma reflexão sobre as brincadeiras de rua e suas complexidades, a partir de uma pesquisa relacionada a um estudo de caso realizado entre os anos de 2020 até 2023, no bairro dos Barris, localizado na cidade de Salvador-Bahia. Diante da elaboração da construção teórica desse artigo, estaremos reforçando as contribuições das brincadeiras de rua para a geração de convivência urbana e a prática de saberes, bem como também para o desenvolvimento de aprendizagens entre os brincantes. A pesquisa é fundamentada nos estudos de Norbert Elias (1994), Huizinga (2000), Kishimoto (2009), dentre outros. Durante a elaboração dessa pesquisa, identificamos as complexidades no processo das brincadeiras de rua, referentes a infraestrutura e socialização entre os brincantes.

Palavras-chave: Brincadeiras de rua; Jogos; Socialização; Aprendizagem; Desenvolvimento Infantil.

Abstract: The present work aims to bring a reflection on street games and their complexities. Research related to a case study carried out between the years 2020 to 2023 in the neighborhood of Barris, located in the city of Salvador, Bahia. Faced with the elaboration of the theoretical construction of this article we will be reinforcing the contributions of street games for the generation of urban coexistence and the

¹ Graduada em Pedagogia pela Faculdade Visconde de Cairu - BA.

² Graduada em Pedagogia- Faculdade Visconde de Cairu – BA.

³ Bacharel em Artes Plásticas, - pela Universidade Federal da Bahia - Escola de Belas Artes -(1993) - Artista Plástica, Arte educadora e musicista. - Especialista em Educação Infantil – IESD - Universidade Estadual do Paraná, (2002); Especialista em Docência do Ensino Superior ABEC/ Fundação Visconde de Cairu (2006); Especialista em Metodologias Ativas e o uso das TICs e TDICs na Educação – Unopar/PR (2022).

practice of knowledge and also for the development of learning among the players. The research is based on the studies of Norbert Elias (1994, p. 22), Huizinga (2000), Kishimoto (2009), among others. During the study preparation, we identified the complexities in the process of street games related to infrastructure and socialization among the players.

Keywords: Street games; Games; Socialization; Learning; Child development.

Introdução

“A brincadeira é o trabalho da infância.”

Jean Piaget

É importante ressaltar que as brincadeiras de rua promovem diversos saberes que agregam o desenvolvimento infantil e a dinâmica das relações sociais. A ocorrência dessas brincadeiras contribui para a compreensão da cultura lúdica por meio da convivência urbana, fora que há uma troca de saberes entre os participantes dessas brincadeiras. Diante disso, esse artigo relata a importância das brincadeiras de rua e as suas complexidades, baseado em um estudo de caso realizado entre os anos de 2020 até início do ano de 2023, tendo como base empírica, a observação feita durante esse período.

Para a organização da escrita, dividimos o artigo em três capítulos, culminando com a apresentação do relatório final da observação. No primeiro capítulo, descrevemos a importância das brincadeiras de rua para o desenvolvimento infantil. A base teórica para a construção desse tópico fundamenta-se nos trabalhos de Vygotsky (1984), Huizinga (2000), Kishimoto (2009), dentre outros, exaltando a importância das brincadeiras de rua para o desenvolvimento da criança. No segundo capítulo, abordamos sobre as brincadeiras de rua e a cultura lúdica, tendo como base teórica os estudos de Barreto (1987), Brougere, (2001) e Borba (2007). No terceiro capítulo, apresentamos o relatório da observação do estudo de caso, contextualizando a região denominada Barris, bairro localizado no centro da cidade Salvador-Bahia.

As observações foram iniciadas no período pandêmico, quando o *lockdown* foi estabelecido nos grandes centros urbanos e, durante esse período, as crianças das regiões periféricas ficaram sem aulas. A localidade da observação corresponde

a uma região favelada do bairro, onde a ausência de recursos e possibilidades de trabalho, fazem parte dos moradores que nela residem. Sem escola e um espaço adequado para realizarem suas brincadeiras, essas crianças desafiaram sua necessidade plena de brincar, ocupando vielas, escadarias e becos da região, mantendo intacta e viva a ludicidade latente entre elas.

Justifica-se a construção desse trabalho, a partir da necessidade de constatar que, diante de toda adversidade e dificuldades, o ato de brincar continua a proporcionar aprendizagens e desenvolvimento, motivando às crianças a socialização entre elas. O problema questão de todo o trabalho construído, se baseia na seguinte indagação: Diante das complexidades de espaço e limites estabelecidos pelo *lockdown*, as brincadeiras de rua promoveram aprendizagem e desenvolvimento entre os brincantes?

A importância das brincadeiras de rua para o desenvolvimento infantil

Os jogos de tabuleiro, brincadeiras de rua e brinquedos, estão sempre presentes na vida de uma criança. Sabemos que esses tipos de atividades podem ajudar no desenvolvimento cognitivo, na coordenação motora e no modo de aprendizagem durante a infância. O modo que uma criança brinca, pode ajudá-la a obter um pensamento lógico, reproduzir situações que vivem em seu dia a dia e recriá-la, por meio do faz de conta e, assim, estimular a sua imaginação. A criança tem o poder de se apropriar de qualquer coisa e transformá-la em brincadeira, em um ato lúdico.

A Ludicidade é algo que trazemos conosco, desde bem pequenos e, mesmo sem entender direito, transformamos a nossa vida através da Ludicidade. A criança é o ser que mais compreende tal façanha, pois com tão pouco, transforma seu redor e, conseqüentemente, o seu mundo. Para Vygotsky (1934), “o ato de brincar tem origem na situação imaginária criada pela criança, em que desejos irrealizáveis se realizam, através da imaginação, com a função de reduzir tensões da vida real.” Afinal, é brincando que a criança molda sua personalidade e desenvolve habilidades para enfrentar o mundo ao seu redor, conforme diz Chateau (1987, p. 14) ao afirmar que “uma criança que não sabe brincar, será um adulto que não saberá pensar”.

O ato de brincar é tão essencial para a criança quanto se alimentar e descansar. Através do brincar, a criança constrói conexões de aprendizado consigo

mesma, com os outros e com o mundo ao seu redor. O jogo é uma forma incrível de aprender e, ao mesmo tempo, promove a interação entre os brincantes. Durante esse período de descobertas constantes, as crianças estão sempre aprendendo e explorando novos horizontes, enquanto se desenvolvem socialmente e cognitivamente. Tanto para Vygotsky (1984) como para Piaget (1975), o desenvolvimento não é linear, mas evolutivo e, nesse trajeto, a imaginação se desenvolve.

Huizinga (2000) argumenta que a brincadeira é uma parte intrínseca e duradoura da experiência humana, transcendendo as mudanças culturais ao longo do tempo. Ele sugere que a brincadeira é mais antiga que a própria cultura humana e permanece como um arquétipo fundamental das atividades sociais. Essa visão destaca a importância da brincadeira não apenas como uma atividade lúdica, mas como um fenômeno central na compreensão da sociedade e da cultura humana.

No contexto do mundo capitalista contemporâneo, observa-se uma tendência preocupante de diminuição do espaço para o lúdico na vida das crianças. Múltiplos fatores contribuem para essa realidade, resultando em uma redução significativa no tempo dedicado às brincadeiras. Mais alarmante ainda é a negligência por parte dos pais em reconhecer a importância do brincar na vida de seus filhos. Muitos consideram presentes materiais, como roupas de marca, mais valiosos e úteis do que brinquedos, relegando, estes últimos, à categoria de supérfluos. Em meio às pressões econômicas, muitos pais optam por cortar os gastos com brinquedos, o que compromete o desenvolvimento saudável e integral das crianças.

As brincadeiras de rua e os jogos sempre foram uma parte essencial da infância, independentemente da época, sociedade ou cultura. Especialmente no início do século XX, antes da disseminação dos videogames, da televisão e de outras formas eletrônicas de entretenimento, as crianças desfrutavam mais do tempo ao ar livre, seja nas ruas ou nos quintais de suas casas. Um amplo leque de brincadeiras simples, com regras acessíveis, fazia parte do dia a dia dessas crianças, proporcionando não apenas diversão, mas também oportunidades para o desenvolvimento físico, social e cognitivo. Essas atividades ao ar livre estimulavam a criatividade, promoviam a interação entre os amigos e ensinavam importantes lições sobre cooperação, competição saudável e resolução de problemas. Além disso, essas brincadeiras eram uma forma de fortalecer os laços comunitários, reunindo crianças de diferentes idades e origens em momentos de diversão compartilhada e

nessas brincadeiras não há uma necessidade de brinquedos caros, uma bola, uma corda ou, até mesmo sem nenhum brinquedo, faz a alegria da criançada. Segundo Kishimoto (2009, p. 13):

A criança, mesmo pequena, sabe muitas coisas: toma decisões, escolhe o que quer fazer, interage com pessoas, expressa o que sabe fazer e mostra, em seus gestos, em um olhar, uma palavra, como é capaz de compreender o mundo. Entre as coisas de que a criança gosta está o brincar, que é um dos seus direitos. O brincar é uma ação livre, que surge a qualquer hora, iniciada e conduzida pela criança; dá prazer, não exige como condição um produto final; relaxa, envolve, ensina regras, linguagens, desenvolve habilidades e introduz a criança no mundo imaginário.

As atividades ao ar livre desempenham um papel vital no crescimento e desenvolvimento das crianças, oferecendo uma variedade de benefícios significativos. Em primeiro lugar, elas são cruciais para fortalecer a condição física, permitindo que as crianças se movimentem, corram, pulem e aprimorem suas habilidades motoras essenciais, como equilíbrio e coordenação. Além disso, o ambiente externo proporciona um cenário propício para a interação social entre os pequenos, promovendo a comunicação, colaboração e resolução de conflitos.

Durante essas atividades, as crianças também têm a oportunidade de exercitar sua imaginação e criatividade, inventando histórias e personagens em um mundo de fantasia. As regras simples das brincadeiras de rua, ensinam importantes lições sobre respeito, limites e responsabilidade, contribuindo para o desenvolvimento emocional e intelectual. Além disso, as atividades ao ar livre oferecem às crianças uma sensação de autonomia, permitindo que tomem decisões, resolvam problemas e assumam desafios de forma independente e, a conexão com a natureza durante essas brincadeiras, promove um apreço pelo meio ambiente, estimulando a consciência ambiental e proporcionando momentos de tranquilidade e relaxamento.

As brincadeiras de rua também oferecem uma série de benefícios para a cognição das crianças. Ao participarem dessas atividades ao ar livre, elas são estimuladas mentalmente, já que são desafiadas a pensar de forma criativa e a encontrar soluções para os problemas que possam surgir durante o jogo. Muitas brincadeiras de rua envolvem atividades imaginativas, o que incentiva as crianças a criarem cenários, histórias e personagens, promovendo assim o desenvolvimento da

imaginação e da criatividade. Além disso, ao participarem de brincadeiras com regras, aprendem a compreender a importância de seguir instruções e a respeitar normas sociais, o que contribui para o desenvolvimento da cognição social.

Durante as brincadeiras de rua, as crianças, frequentemente, enfrentam desafios e obstáculos que precisam ser superados, estimulando assim o pensamento crítico e a busca por soluções. Ademais, brincadeiras que envolvem seguir sequências de ações ou lembrar de informações específicas, ajudam a fortalecer a memória das crianças. Participar de brincadeiras ativas ao ar livre também requer foco e concentração, o que fortalece o desenvolvimento dessas habilidades cognitivas. As brincadeiras de rua oferecem uma variedade de estímulos mentais que auxiliam no desenvolvimento cognitivo das crianças, promovendo habilidades como pensamento criativo, resolução de problemas, memória, atenção e concentração.

Em suas teorias, Vygotsky enfatiza que as brincadeiras de rua proporcionam um ambiente em que as crianças podem experimentar, explorar e interagir com o mundo ao seu redor de forma ativa e significativa. Ele acreditava que esse tipo de divertimento, oferece oportunidades únicas para as crianças desenvolverem suas habilidades de pensamento, resolução de problemas, linguagem e cooperação social, além de promoverem a imaginação e a criatividade. Para Vygotsky, as brincadeiras de rua não são apenas uma atividade lúdica, mas sim um aspecto essencial do processo de aprendizado e desenvolvimento infantil.

O jogo cria uma zona de desenvolvimento proximal da criança. No jogo, a criança sempre se comporta além de seu comportamento habitual, como se fosse maior do que ela é na realidade. No jogo, a criança é sempre mais capaz do que na vida real; é como se estivesse em uma situação de desenvolvimento mais elevado. O jogo é uma função psicológica importante e, por sua influência no desenvolvimento, merece ser considerado um elemento essencial da educação e do desenvolvimento infantil (Vygotsky, 1934).

Como podemos observar, as brincadeiras de rua desempenham um papel fundamental no desenvolvimento integral das crianças, impulsionando o seu crescimento social, cognitivo e físico. Durante essa fase crucial, elas não apenas aprendem a interagir com os outros, mas também se tornam mais ativas e exploradoras do mundo ao seu redor. É imprescindível reconhecer a importância das brincadeiras de rua como uma oportunidade valiosa para o desenvolvimento infantil

em todos os aspectos. Ao promover a socialização, estimular a criatividade, fomentar o pensamento crítico e incentivar o movimento físico, essas brincadeiras contribuem significativamente para a formação de crianças saudáveis, felizes e bem ajustadas.

As brincadeiras de rua e a cultura lúdica

Brincar é uma atividade intrinsecamente humana, uma expressão de criatividade, imaginação e interação social. Nas ruas movimentadas das cidades, entre as sombras das árvores nos parques urbanos ou nos espaços abertos das vilas rurais, as crianças encontram um terreno fértil para suas brincadeiras. As brincadeiras de rua, ao longo dos séculos, têm sido uma manifestação viva da cultura lúdica das sociedades ao redor do mundo e, neste artigo, exploraremos a riqueza dessa tradição e sua importância para o desenvolvimento infantil. De acordo com Borba (2007), a experiência do brincar cruza diferentes tempos e lugares, passados, presentes e futuros, sendo marcada ao mesmo tempo pela continuidade e pela mudança. Mas, essa experiência não é simplesmente reproduzida, e sim, recriada a partir do que a criança traz de novo, com seu poder de imaginar, criar, reinventar e produzir cultura.

Brougère (2001) aborda que a brincadeira não é algo já dado na vida do ser humano, uma dinâmica interna do indivíduo, mas uma atividade dotada de significação social que, como outras, necessitam de aprendizagem, ou seja, aprende-se a brincar desde cedo, nas relações que os sujeitos estabelecem com os outros e com a cultura.

A cultura lúdica engloba todas as atividades recreativas e jogos que permeiam a vida das pessoas, oferecendo oportunidades para aprendizado, expressão criativa e desenvolvimento pessoal. No contexto das brincadeiras de rua, essa cultura se manifesta de maneira vívida, proporcionando às crianças um espaço de liberdade e imaginação. Brougère (2001) fala ainda que o brinquedo pode ser considerado uma mídia, que transmite à criança certos conteúdos simbólicos, imagens e representações reproduzidas pela sociedade que a cerca.

Essas brincadeiras, muitas vezes simples e despretensiosas, são enraizadas em tradições locais, transmitidas de geração em geração. Elas refletem não apenas a criatividade das crianças, mas também aspectos culturais mais amplos, como

valores, normas sociais e, até mesmo, mitos e lendas regionais. Ao participar dessas atividades, as crianças não apenas se divertem, mas também absorvem e internalizam elementos da cultura ao seu redor.

Não se conhece a origem desses jogos. Seus criadores são anônimos. Sabe-se, apenas, que são provenientes de práticas abandonadas por adultos, de fragmentos de romances, poesias, mitos e rituais religiosos. A tradicional idade e universalidade dos jogos assentam-se no fato de que povos distintos e antigos como os da Grécia e do Oriente brincaram de amarelinha, empinar papagaios, jogar pedrinhas e até hoje as crianças o fazem quase da mesma forma. Tais brincadeiras foram transmitidas de geração em geração através dos conhecimentos empíricos e permanecem na memória infantil. Muitas brincadeiras preservam sua estrutura inicial, outros modificam-se, recebendo novos conteúdos. A força de tais jogos explica-se pelo poder da expressão oral. Enquanto manifestações espontâneas da cultura popular, as brincadeiras tradicionais têm a função de perpetuar a cultura infantil e desenvolver formas de convivência social e permitir o prazer de brincar (Kishimoto, 2005, p. 38/39).

Ademais, as brincadeiras de rua promovem a interação entre crianças de diferentes origens e contextos sociais, facilitando o desenvolvimento de habilidades sociais essenciais, como cooperação, comunicação e resolução de conflitos. Essas interações ajudam a construir um senso de comunidade e pertencimento, fortalecendo os laços entre os membros da vizinhança e promovendo uma cultura de inclusão e diversidade.

No entanto, é importante reconhecer que as brincadeiras de rua estão enfrentando desafios significativos na era moderna, com o avanço da tecnologia e mudanças nos padrões de vida das famílias. O aumento da urbanização e preocupações com segurança também impactaram a disponibilidade de espaços adequados para brincar ao ar livre. Portanto, preservar e promover as brincadeiras de rua é essencial para manter viva essa importante faceta da cultura lúdica e garantir que as crianças continuem a desfrutar dos benefícios únicos proporcionados por essas atividades tradicionais.

Apesar desses desafios, as brincadeiras de rua continuam a ser uma parte valiosa da infância e da cultura lúdica. É fundamental reconhecer o valor único dessas atividades e promover sua prática para garantir que as futuras gerações possam desfrutar dos benefícios físicos, emocionais e sociais dessa atividade lúdica. Iniciativas que busquem criar espaços seguros para brincar, envolver as

comunidades locais e reintroduzir brincadeiras tradicionais, podem desempenhar um papel vital na preservação e promoção das brincadeiras de rua como uma parte essencial da cultura lúdica.

Brincadeiras Regionais

As brincadeiras regionais são uma manifestação única da cultura de uma determinada região, refletindo as tradições, valores e identidade do povo local. Em diferentes partes do mundo, encontraremos uma ampla variedade de brincadeiras regionais, cada uma com suas próprias características distintas e significados culturais.

Essas brincadeiras, muitas vezes são transmitidas de geração em geração, preservando-se ao longo do tempo como parte integrante do patrimônio cultural de uma comunidade. As brincadeiras regionais podem variar de acordo com diversos fatores, como o ambiente natural da região, a história e as influências culturais locais. Por exemplo, em áreas rurais, é comum encontrar brincadeiras que envolvem atividades ao ar livre, como corridas de saco, pular corda, jogos de esconde-esconde entre as árvores ou brincadeiras com elementos da natureza, como a caça ao tesouro. Já em regiões urbanas, as brincadeiras podem se concentrar mais em espaços públicos, como praças e parques, incluindo jogos de bola, pega-pega ou brincadeiras como o "stop" e/ou o "elástico".

Abaixo, temos alguns exemplos de brincadeiras por cada região do Brasil:

- Na Região Norte, temos: o Perna de Lata, Perna de Pau, Macaco” Amarelinha, Caí no Poço, Curupira, Tucuxi, Roubo da Melancia.
- Na Região Sudeste, temos: o Dom Frederico, Amarelinha em Caracol, Briga de Galo, Laranjas Maduras, Barra-Manteiga.
- Região Nordeste, temos: o Sete Pecados, Pula Corda, Sete Pedrinhas, Bola de Gude, Passar Anel, Elástico, Trem Maluco, Carrinho de Mão, Chicotinho Queimado, Boca de Forno.
- Região Centro-Oeste, temos: o Corre Cutia, Cinco Marias, Galinha, Pintinho e Raposa, Chocolate Inglês.
- Região Sul, temos: o Caiu na rede é peixe, Taco, Boi de Mamão.

As brincadeiras de rua são mais do que apenas uma forma de entretenimento infantil, são uma expressão viva da cultura lúdica das sociedades e um elemento essencial no desenvolvimento saudável das crianças. Preservar e promover essas atividades é fundamental para garantir um futuro mais feliz e equilibrado para as gerações vindouras. É hora de valorizarmos o poder do jogo e garantirmos que todas as crianças tenham a oportunidade de vivenciar a alegria e os benefícios das brincadeiras de rua.

Breve contexto histórico do bairro barris, localizado no centro da cidade de salvador/Ba

Localizado no Centro da cidade de Salvador, o Barris é diferenciado por ser um bairro com características de bairro comercial e residencial. Alguns moradores descrevem que o nome do bairro surgiu a partir do transporte de água vindo de uma fonte próxima e que essas águas eram acondicionadas em barris.

Sua origem vem através de uma grande chácara construída no século XVII, pertencente ao marquês de Barbacena Felisberto Caldeira Brant Pontes de Oliveira Horta que, alguns anos depois, fez-se a divisão do terreno entre seus herdeiros que resultou na criação do bairro.

No século XIX, se instala na região, o terreiro de Candomblé Ilê Axé Oxumaré e, nesse mesmo tempo, a nobreza baiana começa a ocupar a localidade, assim como também imigrantes árabes, espanhóis e judeus, resultando assim, em conflitos de convivência religiosa e econômica – a nobreza não desejava estar perto do local de culto de escravos, enquanto os mulçumanos combatiam o fato de haver um centro de “práticas infiéis”.

A importância desses episódios construiu uma identidade nessa região que foi consolidada como um bairro residencial elitista e totalmente isolado de outros bairros da cidade até meados do século XX, quando o local passa por uma reestruturação com novos loteamentos, ruas e praças. Nessa época, foram colocadas árvores nos passeios que até hoje caracterizam a região. Havia também uma linha de bonde que passava pelo bairro, a qual atendia as necessidades da população local.

Em 1940, Abílio César Borges fundou o Ginásio Baiano, uma das primeiras instituições de ensino elitista de Salvador, tendo como ilustres alunos o poeta Castro Alves, Ruy Barbosa, Muniz Barreto, Rodolpho Dantas, Araújo Pinho, Aristides Milton,

Souza Pitanga, Alves de Carvalho, Baptista Guimarães, Benício de Abreu, entre outros. Infelizmente, com a desativação do ginásio décadas depois, a estrutura física foi demolida e hoje é ocupada por um forte.

Na década de 1940, a cidade de Salvador sofre uma onda migratória vinda do interior do estado e as invasões foram aparecendo lentamente em terrenos ociosos e de riscos.

Nos Barris, surgiu a invasão da *Roça do Lobo*, alterando a estrutura do bairro até então isolado da cidade e seus problemas. Nos anos sessenta, a situação se agrava e acompanhando os noticiários da época, constata-se uma lenta, porém contínua, degradação do modo de viver local (Silva, 1991, p. 57/80).

Com a ocupação dessas pessoas na localidade, o bairro passou a ser depredado, segundo matéria do Jornal A Tarde⁴:

[...] os desocupados se encarregaram de quebrar os bancos, estragaram as plantas e acabaram com a grama. Da fonte luminosa, resta apenas a instalação. Além disso, ninguém ousa permanecer naquele jardim as primeiras horas da tarde... os desocupados não permitem, pois acham que foi feita para dar expansão a sua deficiência moral e intelectual [...].

Com a abertura de novas vias de vale e a criação de novos bairros na década de 1970, a classe média alta se desloca do eixo tradicional do bairro para o Vetor Norte, transformando, aos poucos, os casarões antigos em espaço de uso comercial. Ocorreu, assim, a mudança de moradores para essas localidades e também para alguns dos edifícios que começam a surgir, alterando a paisagem e a densidade populacional do bairro.

Em cinco de novembro de 1970, ocorre a inauguração da Biblioteca Central dos Barris, gerando um fluxo de pessoas que se intensifica, atraindo para o bairro o comércio que visa atender essa demanda, como lanchonetes, copiadoras, etc. Esse fluxo intenso de pessoas na localidade começou a criar um problema relacionado ao transporte e estacionamentos. Nessa mesma época, os bondes são substituídos e, mais tarde, desativados.

No ano de 1982, em resposta ao grande entrave de mobilidade da região e desorganização da rede de transporte, é construída a estação da Lapa, o que

⁴ Trechos de reportagem do Jornal A Tarde, datados de 12 de agosto de 1966.

impactou em melhoria da mobilidade e favoreceu toda a região central de Salvador. Alguns anos mais tarde, a construção de dois grandes shoppings: o Shopping Piedade e o Center Lapa, transforma ainda mais a vida dos moradores do bairro, facilitando acesso a lojas, farmácias, mercados.

O bairro sofreu várias transformações, mas as características que o define como um bairro charmoso e histórico ainda se mantém. Com o projeto de revitalização do centro histórico, realizado pelo governo do Estado da Bahia no ano de 2019, Barris sofreu reformas estruturais nos passeios e nas praças, mantendo nas ruas o aspecto histórico das vias ainda em paralelepípedos.

Com o aumento populacional e o avanço das regiões faveladas no entorno do bairro, a criminalidade se caracterizou ainda mais na região, favorecendo o êxodo de grande parte dos moradores antigos, cujas casas hoje se transformaram em clínicas, sede de sindicatos ou comércio, de modo geral. Barris hoje abriga faculdades, escolas de grande porte e um supermercado atacadão, recentemente construído. Atualmente, obras de revitalização das praças e locais de socialização estão sendo implantadas para a melhoria da qualidade de vida da população local.

Pedagogia do brincar – processo das brincadeiras das crianças das regiões faveladas do bairro barris (2020-2023)

A escrita a seguir, baseia-se no processo de observação das brincadeiras de ruas das crianças oriundas das regiões faveladas do Bairro Barris. Essa observação iniciou-se no período pandêmico, em 2020, quando ocorreu o *lockdown*, decorrente da epidemia da Covid-19 e culminou no início do ano de 2023.

Durante esse período, em Salvador, não houve restrições nos bairros favelados, crianças e adultos mantinham a sua rotina, sabendo-se que essas pessoas, em muitos casos, não possuíam recursos que podiam mantê-las em seus lares em segurança. As crianças, oriundas das escolas municipais e estaduais, tiveram, no início da quarentena, suas aulas suspensas até o governo criar o plano de contingência com o ensino remoto. Ainda assim, sabendo-se das condições sociais dessas pessoas, muitas crianças ficaram sem acesso às aulas e algumas escolas mantiveram apenas o auxílio alimentação com a distribuição de cestas básicas para a alimentação dessas famílias.

Outras escolas mantiveram o regime de AP (atividades programadas), que eram enviadas aos pais e, muitas vezes, acabavam por recorrer a ajuda de crianças maiores na vizinhança para a realização dessas atividades, já que muitos deles não possuíam conhecimento e alguns nem sabiam ler.

Ao constatar pessoalmente o quadro real da situação, no que diz respeito a aprendizagem dessas crianças durante o *lockdown*, surgiu uma situação estarrecedora e, ao mesmo tempo, encantadora: De um lado havia os pais ou responsáveis que só se preocupavam com a entrega das cestas básicas e se mantinham conformados com a ausência das aulas de seus filhos; de outro lado, outras escolas da mesma rede municipal de ensino, mantinham a entrega das cestas básicas e das atividades para as crianças.

Ao receberem essas atividades, muitos pais recorriam às crianças maiores e até mesmo adultas da vizinhança que pudessem auxiliá-los a desenvolver as tarefas escolares com seus filhos. Criaram-se, então, pequenos espaços onde algumas pessoas cederam suas casas para a realização dessas atividades. É importante ressaltar como a população mais carente consegue se unir na adversidade e é importante pontuar que havia uma parte dessas pessoas que queriam que a aprendizagem de seus filhos continuasse.

Dentro da realidade social dessas pessoas, muitas crianças iam para a escola não somente por ser um espaço de educação, mas por encontrar nesse espaço o que elas não tinham em seus lares: Alimentação e um espaço para correr e/ou brincar, bem como a possibilidade de socializar com seus colegas de classe. Afinal, além de um local de socialização e aprendizagem, a escola também era um local de brincadeiras.

Segundo Elias Nobert (1994), as pessoas se ligam “a outras por laços invisíveis, sejam estes laços de trabalho e propriedade, sejam de instintos e afetos”, esses laços invisíveis, permeavam as relações entre as crianças e, foi justamente um grupo específico, que gerou o início das observações desse estudo.

Mesmo diante da situação pandêmica, ocasionando a quarentena, crianças continuaram brincando, pois a Ludicidade é latente nessa fase, independentemente de sua condição social. Durante o período de 2020 até 2023, um pequeno grupo de 9 crianças foi observado, culminando a dissolução total do grupo no início do ano de 2023.

Esse grupo era composto de crianças mistas: haviam 4 meninas na faixa etária dos 7 aos 9 anos e 5 meninos na faixa etária de 2 a 8 anos. Havia uma menina mais velha (9anos) que mediava as brincadeiras e organizava as crianças nos precários locais. Geralmente, pela falta de espaço e também pelo policiamento nas praças no entorno do bairro, proibindo-as de frequentá-las, as crianças brincavam no beco que dava acesso as várias vias dessa região favelada, cercada por escadarias e vielas.

Em meio a deficiência de espaço, ali, elas desenvolviam brincadeiras como pique esconde, par ou ímpar, baleado, etc. As crianças menores sempre eram protegidas pelas crianças maiores e, a mais velha do grupo, sempre decidia quem seria o próximo a contar na brincadeira de pique-esconde e também qual seria a brincadeira que eles iriam brincar. Algumas vezes, se juntavam ao grupo, crianças de outras localidades, mas de dentro da própria favela, favorecendo uma brincadeira mais intensa e divertida.

Algumas vezes, ocorriam desavenças e, em muitos casos, os responsáveis de outras localidades proibiam os filhos de participarem daquele grupo. Uma das crianças pequenas teve o desprazer de ver o pai ser preso e levado por policiais, meses depois ele foi morto na prisão. Esse fato mexeu com o estado lúdico desse infante que se tornou agressivo, sendo banido do grupo mais tarde.

No início do ano 2021, uma mãe que matinha um cuidado muito acirrado com suas crianças, conseguiu acesso a praça e, como ela tinha a disponibilidade e boa intenção, começou a levar outras crianças do bairro para brincarem na praça. Nosso grupo do início da pesquisa, agora com 8 componentes, também passou a frequentar esta mesma praça. A população dos prédios e casas ao redor da praça, que até então ainda estava na quarentena, não a frequentavam.

Com a praça liberada para realização de brincadeiras, ocorreu um outro problema que era citado por essa mãe: O espaço estava sendo ocupado por uma demanda muito grande de sem-teto e usuários de drogas. Eles ocupavam os espaços onde haviam os brinquedos para as crianças usarem, promovendo assim, um afastamento das crianças naquele ambiente. Nosso pequeno grupo de brincantes passou a utilizar a rua principal do bairro, brincando entre os carros; muitas eram alertadas por moradores locais que se sentiam incomodados com o barulho que elas faziam enquanto brincavam e houve momento em que até a polícia

foi chamada para que essas crianças retornassem a brincar na sua região e se afastassem dali.

Com espaço precário, sem condições de favorecer suas necessidades enquanto criança brincante, o grupo começou a se dissolver e, com o reinício das aulas, uma pequena parte ainda se juntava para brincar depois da aula, contudo, a nossa líder tornou-se adolescente, mudando seu interesse. Sem sua iniciativa (ela chamava as crianças para brincar), o grupo se dissolveu por completo no início de 2023.

Durante o período que esse pequeno grupo permaneceu junto, notamos como as crianças pequenas desenvolveram a linguagem e as suas habilidades motoras. A junção das crianças maiores com as menores, remeteu muito a teoria do desenvolvimento proximal de Vygotsky (1934), a qual, segundo esse autor, o ato de brincar é de extrema importância para a constituição do pensamento infantil.

Os desafios estabelecidos pelas brincadeiras, possibilitam desenvolvimento e, as brincadeiras de rua se transformam em ações desafiadoras ainda mais complexas, devido a própria estrutura para a realização das mesmas. Ainda que diante de um período pandêmico, com a incerteza sobre o vírus da covid-19, a população dessa região do bairro manteve sua rotina diária, sobrevivendo de cestas básicas e auxílio oferecido pelo governo federal. As crianças alheias à situação em geral, continuaram a vivenciar o seu estado lúdico latente, buscando nas brincadeiras de rua o seu prazer e sua alegria.

O caso Andréia

Mãe de três meninos na faixa etária dos 2, 6 e 7 anos – naquela época, essa simpática mãe entrou também nesse estudo. Moradora também dessa região favelada, ela tem uma postura enquanto mãe que a diferencia de muitas mães no entorno de sua morada.

Cuidadosa com suas crianças, ela se preocupava com o bem-estar delas, já que as mesmas confinadas em casa ficavam tristes e desestimuladas. Durante o período pandêmico, ela conduzia as crianças até a praça do bairro para que as mesmas pudessem brincar. Levava os filhos dela e os filhos de outras mães, que se juntavam formando um total de 10 a 12 crianças. Ela organizava lanches e água,

durante as brincadeiras dessas crianças na praça dos Barris, em meados 2021 até o início de 2022.

Durante esse período, as crianças se limitavam a brincar na quadra da praça, já que os brinquedos estavam sendo ocupados por moradores de rua e usuários de drogas. O grupo de crianças levava suas bicicletas, carrinhos e, até mesmo brinquedos sucáticos. Se juntavam na praça para jogar bola e também brincar de pique-esconde. Algumas vezes, nosso primeiro grupo da observação, se juntava a elas, mas as brincadeiras acabavam ficando intensas demais e algumas crianças eram rivais de outras, fazendo com que o grupo não fosse bem aceito.

Sobre o olhar carinhoso de Andréia, essas crianças tiveram suas tardes de alegria durante a pandemia, se desenvolvendo e brincando. As brincadeiras infantis constituem momento rico em interações sociais, objeto de interesse tanto para descrição da cultura infantil como da Psicologia do Desenvolvimento, mas também está inserido durante esse processo, as relações sociais. Com o término do *lockdown* e a volta às aulas, a praça ficou vazia, ocupada apenas pelos moradores de rua que transitavam naquela região.

Considerações finais

O ato de brincar é meramente necessário para a criança. Dotada de uma latente Ludicidade, podemos considerar este ato como uma necessidade fundamental para a criança desenvolver-se. Durante o período pandêmico, muitas crianças de famílias abastadas e com recursos financeiros equilibrados, mantiveram-se abrigadas e protegidas de um vírus que, até então era considerado mortal. Realidade totalmente oposta às crianças das regiões periféricas, onde os pais, sem recursos e muitos deles desempregados, buscavam sustento para sobreviver. As crianças sem escola encontravam nas ruas, becos, avenidas, escadarias, vielas, locais para seus desafogos do tédio e da tristeza que envolviam as pessoas naquela época.

Elas brincaram e construíam saberes. As pequenas motivadas pelas mais velhas, desenvolveram a linguagem, as habilidades motoras e a capacidade de enfrentar situações complexas. Acreditamos na potencialidade desse cidadão, pois nas adversidades, eles conseguem sobreviver desafiando a sua própria limitação.

Referências

BARRETO, L. A. **Brincadeiras de rua, um repertório ameaçado**. Recife: Fundaj. Inpso. Centro de Estudos Folclóricos, 1987. (Folclore, n. 185).

BROUGÈRE, G. **Brinquedo e cultura**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

BORBA, A. M. A brincadeira como experiência de cultura na educação infantil. In: BRASIL/MEC – **Revista Criança do professor de educação infantil** – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007

CHATEAU, J. **O Jogo e a criança**. São Paulo: Summus, 1987.

ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

DALLABONA, S. R; MENDES, S. M. S. Lúdico na Educação Infantil: Jogar, Brincar, uma Forma de Educar. **Revista de Divulgação Técnico-Científica do ICPG**, v.1, n. 4, 2004.

HUIZINGA, J. **Homo Ludens: O Jogo como Elemento da Cultura**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

JORNAL A TARDE. **Só lembranças do passado no Barris**. Salvador, 24 de outubro de 1998, Cad.1, p. 6

JORNAL DA BAHIA. **Os dois Barris**. Salvador, 21 e 22 /03/1965, Cad .1, p. 1.

KISHIMOTO, Tizuko M. **Jogo, Brinquedo, Brincadeiras e a Educação**, São Paulo, editora Cortez, 2005.

KISHIMOTO, T. M. **Brinquedos e brincadeiras na educação infantil** – FE-USP – 2009

LIRA, N. A. B., Rubio, J. de A. S. A Importância do Brincar na Educação Infantil. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, v. 5, n.1, 2024.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo, sonho e representação**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

SANTOS, A. K; DIAS, Á. M. Comportamentos lúdicos entre crianças do nordeste do Brasil: categorização de brincadeiras. **Psicologia: Teoria E Pesquisa**, v. 26, n. 4, 2010. Disponível: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000400002>

SILVA, B. C. N; SILVA, S. C. B. M. **Cidade e região no Estado da Bahia**. Salvador: EUDSP, 1991. p. 57-80.

SILVA, L. M. **As Brincadeiras de Rua na Aprendizagem e Desenvolvimento da Criança na Educação Infantil**. 2021. Disponível: <https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/handle/123456789/2399>

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

WAJSHOP, G. **Brincar na pré-escola**. São Paulo: Cortez, 1995.